

**SENHOR ELIOT E AS CONFERENCIAS, OU UM STAND UP CRÍTICO – ENTRANDO
NO LIVRO:
O SENHOR ELIOT E AS CONFERÊNCIAS, DE GONÇALO M. TAVARES,
NA COMPANHIA DOS SENHORES ROLAND BARTHES E MAURICE BLANCHOT**

**Reginaldo Pujol Filho¹
Ricardo Araújo Barberena²**

Resumo: este artigo pode ser entendido é um ensaio-performático, como só poderia ser um texto que pretenda dialogar com estrutura criativa do livro "Senhor Eliot", de Gonçalo M. Tavares, através do olhar não menos inusitado de Roland Barthes e Maurice Blanchot. Assim, aqui pretendo fazer uma discussão sobre crítica e senso comum, valendo dos dois pensadores franceses, porém adotando a estrutura narrativa da obra de Tavares, na qual um fictício senhor Eliot profere conferências para uma pequena plateia a fim de "explicar versos". Convido então o senhor Blanchot e o senhor Barthes a me acompanharem nessas conferências, com todos os seus comentários.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Crítica Literária. Poesia.

O senhor Manganelli, organizador da conferência, cumprimentou o senhor Borges, o senhor Breton e o senhor Swedenborg. Hoje não está muita gente – disse ao Senhor Eliot o senhor Manganelli, desculpando-se. O senhor Eliot sorriu. Já passava muito da hora combinada para o início da conferência – o senhor Eliot subiu, então, para o estrado onde iria falar. O senhor Breton e o Senhor Borges, acompanhados naquele dia pelo senhor Balzac, sentaram-se nos seus lugares. O senhor Swedenborg estava há muito sentado, de olhos fixos, atentíssimo. Estava já a concentrar-se mentalmente nas suas próprias investigações geométricas. O senhor Manganelli, depois de apresentar o senhor Eliot à assistência, sentou-se numa das cadeiras (TAVARES, 2010).

Já começar a 1ª Conferência do senhor Eliot – "Explicação de um verso de Cecília Meireles (*vem ver o dia crescer entre o chão e o céu*)". Isso tudo acompanhei mais ou menos. Como não tinha sido convidado para o

¹ Doutorando em Escrita Criativa - PUCRS

² Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e Pós-Doutorado (2009), intitulado "Paisagens limiáres na contemporaneidade brasileira: representações da identidade no Cinema e na Literatura", pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PUCRS). Coordena o Grupo de Pesquisa "Limiáres Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade".

evento e trazia comigo mais dois penetras, senhor Blanchot e senhor Barthes, tratamos de entrar depois do horário, para não sermos vistos. Por isso, nem nos sentamos, ficamos de pé, à porta. Mas nem por isso meus convidados-penetras se contiveram. Mal o senhor Eliot pigarreou para começar a sua fala, e o senhor Blanchot, do meu lado, cochichava, questionando o propósito do evento, a ideia de explicar um verso, comentava que o que mais ameaça a leitura é “a realidade do leitor, sua personalidade, sua imodéstia, a obstinação em querer manter-se em face do que lê, em querer ser um homem que sabe ler em geral” (BLANCHOT, 1987). Alguém fez shhh, mas o senhor Blanchot ainda murmurou “Ler não é, portanto, obter comunicação da obra, e...” (Idem), mas fui obrigado a interrompê-lo, pedi que deixasse o homem começar sua conferência, que o meu amigo se lembrasse do que tinha escrito, entrasse ignorantemente na leitura da conferência, sem *a priori*, deixasse o sentido das palavras do senhor Eliot se realizarem.

Então, o senhor Eliot leu o verso a ser analisado na primeira conferência, o pequeno trecho *Vem ver o dia crescer entre o chão e o céu*, e foi a vez do senhor Barthes não se conter. Me cutucou e, com uma piscada de olho, disse que era um sintagma, um recorte sitagmático feito pelo conferencista. Só olhei para ele que, mais discreto, também silenciou.

Enquanto senhor Eliot começava sua explicação, olhando o verso palavra por palavra, num exame minucioso, questionando se um dia cresce ou não, para onde cresce, o tamanho de um dia, admito que me arrancava alguns sorrisos – de diversão – e, de meus convidados, sorrisinhos – de deboche. Nesse ritmo, a conferência avançou e eu me divertia cada vez mais com as exageradas minúcias do conferencista, querendo medir “exactamente” a distância entre o chão e o céu, sua duração e buscando explicações a partir disso, ao ponto de, ao final, propor uma formulação mais exata para o trecho, capaz, segundo ele, de cumprir melhor seu objetivo e de dizer o que deveria ser dito. Seria “vem, **durante três horas, à**

OldBroad Street, ver o dia crescer" (TAVARES, 2010) [Grifo nosso]. Eu tive que me segurar para não soltar o riso e não denunciar que estávamos de penetas. Mas o senhor Blanchot não se aguentou e disse que parecia que esse sujeito não percebia que "Ler situa-se aquém ou além da compreensão. Ler tampouco é exatamente lançar um apelo que se descubra, por trás da aparência da fala comum, atrás do livro de todos, a obra única que deve revelar-se na leitura" (BLANCHOT, 1987). Eu, para não estimular e talvez para evitar uma resposta ou complemento no mesmo volume do senhor Barthes, olhei para ele, mas ele só anotava alguns fragmentos em seu caderno. Tentei acalmar o senhor Blanchot que seguia, indiferente ao começo da segunda conferência (explicação de um verso de René Char: *estais dispensados, meus aliados, meus violentos, meus indícios*), a dizer que "Quando Valéry se inquieta com o leitor inculto de hoje (e de sempre digo eu mentalmente), que pede à facilidade que seja cúmplice de sua leitura, essa inquietação talvez seja justificada, mas a cultura de um leitor atento, os escrúpulos de uma leitura penetrada de devoção, quase religiosa e convertida numa espécie de culto, não mudaria coisa alguma, acarretaria perigos ainda mais graves" (Idem), e eu o interrompi perguntando se ele achava que o senhor Eliot estava mais para o primeiro ou para o segundo caso de leitor, inculto ou culto, e, ele, dando de ombros, irritado, disse que talvez os dois. Muito paciente como sou, disse então ao senhor Blanchot para buscarmos essa e outras respostas ouvindo a segunda conferência que já ia a meio caminho.

Foi justo nesse momento, quando o senhor Blanchot já se acalmava – ou talvez descansava – que tive que me preocupar com o senhor Barthes. O senhor Eliot no palco comentava que "Este verso não é claro" (TAVARES, 2010), e o senhor Barthes perguntou, se perguntou, com algum desdém, se ele queria clareza na poesia. Olhei para o meu companheiro, e ele dizia que esses críticos antigos, como lhe parecia que era o senhor Eliot, sofrem de "uma disposição que os analistas da linguagem conhecem bem e a que

chamam 'assimbolia'" (BARTHES, 2007). Tive que dizer ao meu amigo, com alguma simplicidade, "desculpe, não entendi", e o senhor Barthes, muito professoral, me explicou que "é-lhe impossível perceber ou manejar símbolos, isto é, coexistências de sentidos; nele, a função simbólica muito geral que permite aos homens construir ideias, imagens e obras, é perturbada, limitada ou censurada logo que se ultrapassam os usos estritamente racionais da linguagem" (Idem).

Mas o senhor Eliot seguia muito concentrado na sua explanação e, sobre clareza e obscuridade nos versos, já dizia Há, de facto, uma proporção ideal entre a quantidade de clareza e a quantidade de obscuridade que um verso deverá ter para manter a ligação aos homens. Se esta proporção não for atingida, o verso desliga-se dos homens (como o barco desliga-se do cais quando o marinheiro corta a corda que o amarra) (TAVARES, 2010). Eu, talvez empolgado pelas manifestações dos meus companheiros, achei que já era hora de exhibir um pouco de opiniões, cheguei a pensar em levantar a mão e perguntar para o senhor Eliot se ele queria, com isso, dizer que havia uma medida exata, quase científica para produzir poesia ou se era possível encontrar essa medida. Como se houvesse um segredo de produzir segredo. Mas quem pensa muito, fala pouco e, quando vi, o senhor Barthes já se virava para mim e para o senhor Blanchot comentado, menos tenso, que fazia algum sentido que "o prazer da leitura vem evidentemente de certas rupturas", ou seja, "duas margens são traçadas, uma margem sensata, conforme, plagiaria (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura), e 'uma outra margem', móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem" (BARTHES, 2010) e, azar do conferencista, seguia ele na sua pequena palestra para mim e o senhor Blanchot "nem a cultura, nem a sua destruição são eróticas, é a fenda entre uma e outra que se torna erótica. O prazer do texto é semelhante a esse instante

insustentável, impossível, puramente 'romanesco', que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza" (Idem). O senhor Barthes tem dessas e, evidentemente extasiado após essa sua maquinação ousada, apontou para o senhor Eliot e disse para prestarmos atenção, que talvez esse rapaz tivesse algumas coisas interessantes a nos dizer.

Pois obedecemos ao sorridente senhor Barthes e nos voltamos para a estrela do evento, bem quando o sujeito lá no palco nos dizia, parece que ainda sobre o mesmo tema, que "Claro está que na poesia não se trata de falar com a velha avó sobre o frio que faz de noite. Como dissemos, há uma clareza exigida ao verso, mas também se exige uma certa obscuridade" (TAVARES, 2010), e eu gostei da frase, achei que era até coisa de botar no facebook para parecer mais inteligente, mas quem gostou mesmo foi o senhor Barthes que olhava para o senhor Eliot, agora como se fossem almas gêmeas, e, essas coisas dos geniais, ao mesmo tempo anotava, concordava e comentava conosco que, sim, "escrever não é estabelecer uma relação fácil com uma média de todos os leitores possíveis, mas estabelecer uma relação difícil com nossa própria linguagem: um escritor tem maiores obrigações perante uma fala que é sua verdade do que perante o crítico" (BARTHES, 2010).

Então achei que estávamos apaziguados com nosso conferencista, assistiríamos tranquilamente o evento, mas eis que, lá pelas tantas, o senhor Eliot, a meio de uma frase, comenta conosco "Daí a dificuldade de, por vezes, se entender a poesia" (TAVARES, 2010), e os dois senhores que me acompanhavam já começaram um resmungo de alto nível sobre o absurdo de se querer entender objetivamente a poesia, o senhor Blanchot inclusive dizendo coisas como eu não falei, essa ideia de explicação, o senhor Barthes falando que era tudo muito contraditório, mas ao mesmo tempo dizendo que, de um certo modo era interessante, que o próprio conferencista, tal um signo, oferecesse diversas leituras, mas o senhor Blanchot olhava para o teto

impaciente. E o senhor Eliot, firme no seu programa, ainda sobre Rene Char disse

Porém, quando no verso em questão, Rene Char diz que dispensa os seus aliados, os seus violentos e os seus indícios, manifesta uma tensão que importa esclarecer. Em primeiro lugar, são três grupos de coisas – aliados, violentos e indícios – como nome de três conjuntos; ou são três qualidades de um mesmo grupo, grupo esse conhecido do autor, e que seria aliado, violento e indício, tal como poderia, por absurdo, ser amarelo, se todos os seus elementos vestissem de amarelo? (TAVARES, 2010).

Aí o senhor Barthes, esquecendo o valor do contraditório do nosso palestrante, não se aguentou e começou a falar ao mesmo tempo que o senhor Blanchot. O senhor Blanchot que perguntava-se que história era aquela de questão que precisa esclarecer, e completava “ler no sentido da leitura literária, não é sequer um movimento puro de compreensão” (BLANCHOT, 1987). E o senhor Barthes, “se as palavras tivessem apenas um sentido, o do dicionário, se uma segunda língua não viesse perturbar e libertar ‘as certezas da linguagem’, não haveria literatura” (BARTHES, 2007), então como é que esse rapaz, que vinha sendo tão inteligentemente contraditório, fazendo-se signo ele mesmo, como é que agora ela vinha querer saber o que René Char quer exatamente dizer com “os seus aliados, os seus violentos e seus indícios”. Tentei argumentar que talvez o conferencista estivesse fazendo um papel de uma caricatura do crítico dogmático, como a dizer cuidado com os dogmas, mas nenhum dos dois me ouviu, preferiram ficar resmungando e eu comecei a torcer para que essa conferência acabasse logo e viesse um intervalo para os senhores respirarem um pouco. Só que então, entre “assimbolia e verossímil crítico de um lado” e “ler não é obter comunicação de uma obra” do outro, ainda ouvi o senhor Eliot nos brindar com “Caros ouvintes, poderemos arriscar, nesta altura, o verso correcto, o verso que, independentemente de qualquer interpretação, nos descansaria em relação a inimigos exteriores e ao desassossego íntimo. O verso correcto, melhorado, seria então:” (TAVARES,

2010), e antes que ele completasse deixei escapar “sorte que o senhor Deleuze não veio...”, e os meus parceiros não deixaram de me perguntar “o quê?”, “por quê?”. Até parece que não conhecem o senhor Deleuze. Essa afirmação ia mexer com o juízo do homem, mas é certo que seria uma terceira voz a questionar o senhor Eliot, dizendo que não há como propor um juízo sobre um verso melhorado. O que faz um verso melhor ou pior? Problema meu que fiz esse comentário, porque aí dei corda no senhor Barthes que ia dizendo sim, sim, sim, como um piloto pisando o acelerador e fazendo o motor rugir antes da largada. Foi eu terminar meu raciocínio para ele arrancar dizendo que “Enquanto a crítica manteve a função tradicional de julgar, não podia deixar de ser conformista, isto é, conforme aos interesses dos juízes. Todavia a verdadeira ‘crítica’ das instituições e das linguagens não consiste em ‘julgá-las’, mas em distingui-las, separá-las, desdobrá-las” (BARTHES, 2007) e ainda comentou que por vezes parecia que o senhor Eliot ia por esse caminho acertado, mas que logo resolvia se meter a explicar ou dizer qual era mesmo o verso certo. Eu percebia alguma contradição nesse comentário do meu amigo, mas, ah, não ia dizer isso para ele e receber um tratado de volta. Ainda queria ver um pouco da conferência podia, comentar isso depois com o senhor Barthes.

Mas, tão animada corria nossa conversa paralela, que perdemos o intervalo entre as conferências e, quando vimos, já estava lá o senhor Eliot a discorrer sobre *não sou ninguém, não tenho nada a ver com explosões*, verso de Sylvia Plath. Bom, aí o meu foco começou a mudar um pouco, sabe? O senhor Eliot, em poucos instantes, emendou frases como “Um verso não é uma notícia” (TAVARES, 2010) – o que fez o senhor Barthes voltar a se rejubilar com ambivalência do signo; “Aqui reside um dos eventuais problemas deste verso” (Idem); “Eu não sou ninguém. Como é evidente deparamos logo aqui com uma notícia louca. É impossível alguém dizer que não é ninguém, continuando a não ser ninguém;” (Idem) A questão que se coloca é: será que uma pessoa só é alguém se estiver relacionada com explosões?”(Idem);

e, ainda, disse que “Deste modo, neste verso de Sylvia Plath poderíamos, parece-me, introduzir alterações para tornar mais sensato, mais comedido” (Idem). Evidente que adjetivos como “impossível” ou a sugestão de alterações para obter um verso “mais sensato, mais comedido” ouriçaram tanto o senhor Barthes quanto o senhor Blanchot, que muito bem teriam subido nas cadeiras e vaiado se não estivéssemos já em pé, próximos à porta. Ainda assim, senhor Barthes disse que tudo isso remetia aos ataques todos que sofreu da “antiga crítica”.

Mas a coisa – não só a manifestação dos senhores meus amigos – começou a me parecer de um exagero, eu diria, até premeditado – e algum dos meus dois amigos, se me lesse ou me ouvisse, diria que essa é a minha leitura. Sim, a minha leitura. Mas que beirava a provocação a postura do senhor Eliot, ah, beirava. Vejam, enquanto os dois se irritavam, e eu começava a pensar nestes exageros todos que ia percebendo, o conferencista, já na sua quarta conferência, sobre um verso de Marin Sorescu (*Tenho tantas coisas na minha cabeça, não pode ser para mim*), ainda veio com a questão “Quais são as situações em que determinados versos se tornam claros e inequívocos?” (TAVARES, 2010). Quando são ruins e algumas outras respostas impublicáveis vinham do lado do Senhor Barthes, e o senhor Blanchot já falava quase no mesmo volume do palestrante, quase não se importando que fôssemos expulsos do evento, que

A leitura não é uma conversação, ela não discute, não interroga. Jamais pergunta ao livro e, com mais fortes razões, ao autor: ‘O que foi que você quis dizer exatamente? Que verdade me traz, portanto?’ A leitura verdadeira jamais questiona o livro verdadeiro; mas tampouco é submissa ao ‘texto’. Somente o livro não literário se oferece como uma rede solidamente tecida de significações determinadas, como um conjunto de afirmações reais: antes de ser lido por alguém, o livro não literário já foi lido por todos e é essa leitura prévia que lhe assegura uma existência firme. Mas o livro que tem sua existência na arte não tem sua garantia no mundo, e quando é lido, nunca foi lido ainda, só chegando à sua presença de obra no espaço aberto por essa leitura única, cada vez a primeira e cada vez a única (BLANCHOT, 1987).

Não posso discordar do senhor Blanchot. Assim como da maioria das observações que o senhor Barthes havia feito até então. Mas, mesmo assim, a coisa me parecia toda despropositada, quase como se estivéssemos cada um vendo um evento, no mínimo um pouco, diferente. Como se cada um tivesse um texto diferente na mão (ao que eu sei que eles argumentariam que sempre teremos textos diferentes à mão, por causa da singularidade do texto, da leitura). Mas nem que eu quisesse tocar gasolina na fogueira e comentar algo com eles nesse sentido, eles me ouviriam. Só tinham atenções para suas ideias. E também, evidente, para algumas afirmações polêmicas do senhor Eliot como "Assim, poderemos defender que cada verso é o fragmento de uma história que o poeta, ou por distração ou pelo instinto de ocultar, resolveu apagar ou diluir. O verso seria, assim, nesta teoria, o indício de uma história (...) A questão é: e se o leitor não gosta ou não possui habilidades para contar histórias? Aqui ficaríamos num impasse. O leitor diria: este verso é absurdo. E o escritor diria: este leitor é imbecil" (TAVARES, 2010), quando tenho a impressão de que ouvi o senhor Blanchot cochichar, às minhas costas, para o senhor Barthes, que o conferencista também poderia ser um imbecil, mas, ao ser perguntado sobre o que tinha dito, ele respondeu que gostaria de colocar, sobre o ponto de vista do senhor Eliot, que

essa exaltação antagônica que assume, finalmente, a forma personificada do leitor e do autor, não deixou de ter prosseguimento no decorrer da gênese da obra. Onde, no final, a obra parece ter-se tornado o diálogo de duas pessoas em que se encarnam duas exigências estabilizadas, esse 'diálogo' é, em primeiro lugar, o combate mais original de exigências mais indistintas, a intimidade dilacerada de momentos irreconciliáveis e inseparáveis, a que chamamos medida e desmedida, forma e infinito, decisão e indecisão, e que, sob suas oposições sucessivas, conferem realidade à própria violência tendente a abrir-se e tendente a fechar-se, tendente a fixar-se na figura clara que limita e tendente a errar sem fim, a perder-se na migração sem repouso, a da outra noite que jamais chega mas retorno (BLANCHOT, 1987).

E o senhor Blanchot ia continuar discorrendo. Mas fui obrigado a interromper. As conferências já iam para o fim, já havíamos perdido mais

uma, mas ainda assim decidi perguntar ao meu amigo se ele não estava se referido à autonomia do autor na escrita e à autonomia do leitor na leitura e ao direito (e talvez dever) de cada um de esquecer do outro para poder produzir sentido e, se no final das contas, isso não ia ao encontro da violência entre autor e leitor referida pelo senhor Eliot. O senhor Blanchot me olhou de lado e disse que essa era a minha interpretação e que ele respeitava por princípio minha leitura.

Pois que eu ainda mastigava as palavras do senhor Blanchot tentando entender se ele tinha sido irônico ou não comigo, quando tive que me desconcentrar disso. Era o senhor Barthes de novo. Esbravejava, e eu pedi que se acalmasse, perguntei o que tinha acontecido? Ele me contou que, enquanto eu falava com o senhor Blanchot, a quinta conferência, agora sobre um verso de W. H. Auden (*O jardim não mudou, o silêncio está intacto*) tinha começado. E que o senhor Eliot, entre outras coisas, havia dito que “De fato, há aqui um fosso entre duas formas de ver o mundo: a do poeta Auden e a de um homem de negócios” (TAVARES, 2010). Bom, aí eu perguntei que problema havia nisso, me parecia até óbvio e que até, em certo ponto, o senhor Eliot, com essa fala, não estava tentando explicar um verso, mas reconhecendo que a poesia não está no campo da explicação. Diferenças entre a visão artística e a visão exata de um homem de números e definições, não? O senhor Barthes me perguntou se eu já tinha terminado, se ele podia continuar. Pedi desculpas, e ele falou que, logo em seguida, o senhor Eliot teria dito que “Há que distinguir os dois ofícios: o ofício de quem faz e o ofício de quem analisa e procura explicar” (Idem), e aí o senhor Barthes ficou enfurecido, lembrou-se mais uma vez de todos os seus detratores, da “objetividade”, do “verossímil crítico” e daquele pensamento que não “tolera que a linguagem possa falar da própria linguagem” (BARTHES, 2007), ele tinha o punho cerrado e erguido, dizendo que eles tinham medo, pois “Fazer uma segunda escrita com a primeira escrita da obra é efetivamente abrir o caminho das renovações imprevisíveis” (Idem) e,

nesse momento, já falava mais alto que o senhor Eliot, chamando a atenção da plateia e, especialmente, dos simpático brutamontes que faziam a segurança do local que gentilmente nos jogaram para fora não sem receber os duros ataques verbais de “positivistas” e outras coisas ainda mais fortes que meus amigos gritavam. Ficamos sem assistir à sétima conferência. E também sem a cerveja que havíamos combinado, porque tanto senhor Barthes quanto senhor Blanchot queriam ir imediatamente para casa escrever um ensaio.

Talvez tenha sido melhor assim. Caminhando para casa, pude organizar melhor minhas ideias sobre as conferências do senhor Eliot – embora meus amigos, em suas últimas palavras, tenham dito que sequer merecia o nome de “conferência”. Paciência, estavam irritados. Mas pode ser que não seja mesmo o caso de chamar conferência. Aliás, o pensamento que me ocorria a cada vez que sentia vontade de rir das mesmas frases que punham os senhores Blanchot e Barthes à flor dos nervos era de que o Senhor Eliot, mais que fazer conferência ou uma palestra, ou explicação, antes de tudo, estava sendo extremamente contemporâneo. Estava era apresentando um belo número de stand up comedy. Daqueles que nos fazem rir, ou sorrir, não tem como ler “Podemos dizer que a cidade é tão aborrecida que tem horários para cada som. Numa cidade divertida um cego nunca saberia as horas exactas. Mas porque a cidade não é divertida: ele sabe” (TAVARES, 2010), e não ficar com pelo menos um sorriso no rosto. Mas também é daquelas apresentações que nos põem para pensar sobre o objeto da piada, pensar através do humor e da ironia. Nesse caso, acho que o senhor Eliot e as conferências – ou stand ups – me puseram a pensar sobre a pertinência e a sobrevivência da crítica literária. Tenho a impressão de que essa área perdeu os espaços de discussão que tinha fora da academia e que, se o senhor Barthes já dizia que

a crítica antiga não deixa de ter suas relações com aquilo que pode imaginar-se de uma crítica de massa, por pouco que a nossa

sociedade decida consumir comentários críticos como consome filmes, romances, canções; à escala da comunidade cultural, dispõe de um público, reina nas páginas literárias de alguns jornais de grande circulação e move-se no interior de uma lógica intelectual onde não é possível contradizer o que vem da tradição, dos Sábios, da opinião pública, etc” (BARTHES, 2007).

Pois se ele afirmava isso, me parece que hoje nem a crítica antiga “reina em páginas literárias” e que, em vez disso, há uma institucionalização, para o “público”, da crítica de blogue, de site, onde, muitas vezes, impera o juízo, o bom e o mau e, porque não, as tentativas de explicação de poemas e livros. Seria importante, penso eu, que mais senhores e senhoras conhecessem essas conferências, digamos, satíricas do senhor Eliot. É uma boa oportunidade de pensar a crítica literária – no que ainda existe dela. E, mais do que isso, refletir sobre o perigo das paixões cegas por teorias. Seja ela a nova crítica americana, seja a ela a nova crítica de Barthes, seja estruturalismo, pós-estruturalismo, parece que tudo, se não tiver a devida atenção e autocrítica e, por que não, o devido humor e leveza, corre o risco de virar uma caricatura de si mesmo. Quero dizer: é preciso estar atento para que o exercício da crítica não se transforme na própria crítica da crítica. O cuidado para não ser dogmático nem na hora de rechaçar os dogmáticos. Acabo pensando em uma citação, “Numa das paredes exteriores do auditório a frase grafitada ‘O Doutor Rojas cuja história da literatura argentina é mais extensa do que a literatura argentina’” (TAVARES, 2010). Que os conceitos não sejam maiores do que a literatura.

**LORD ELIOT AND CONFERENCES, OR STAND UP CRITICAL -ENTERING THE BOOK:
THE LORD ELIOT AND CONFERENCES, GONÇALO M. TAVARES,
IN THE COMPANY OF GENTLEMEN ROLAND BARTHES AND MAURICE BLANCHOT**

Abstract: This article can be understood as a test-performative, as could only be a text that you want to talk to creative structure of the book "Lord Eliot," Gonçalo M. Tavares, through the eyes no less unusual Roland Barthes and Maurice Blanchot. So, here I intend to do a discussion on critical and common sense, using the two French thinkers, but adopting the narrative structure of Tavares of work in which a fictional Lord Eliot gives conferences for a small

audience in order to "explain verses." then I invite you Blanchot and Barthes you to join me in these conferences, with all your comments.

Keywords: Creative Writing; Literature critics; Poetry

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Lisboa: Edições 70, 2007. 70 p.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 80 p.

BLANCHOT, Maurice. Ler. In: BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 280 p.

TAVARES Gonçalo M.. *O Senhor Eliot e as Conferências*. Lisboa: Editorial Caminho, 2010. 80 p.